

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DELISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 40

2023

Nº. 248

MARÇO - ABRIL

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão	Índice	Página
Rua das Pedralvas, nº. 1-A 1500-487 Lisboa	Editorial	2
Telefone : 217 647 441	Idiossincrasias	5
*	Oito de Março...	9
Directora :	Acalma o meu coração	11
Manuela Vasconcelos	O Padre Faria e o Mag.	12
	Procura Tempo	25
	Decálogo p^a/colaborad.	26

*

*

EDITORIAL

Estamos no mês de Março, mês que a nós, espíritas, nos recorda sempre Allan Kardec e a sua desencarnação a 31 de Março... Mês que nos lembra as palavras que Flammarion pronunciou quando da transferência dos seus restos mortais para o cemitério de Père Lachaise, com a inauguração, se assim podemos dizer, do dólman que os espíritas de então lhe ofereceram como derradeira morada, recordando a sua vivência como druída, na Gália antiga.

Tivemos ocasião, há uns dez anos atrás, de visitarmos o seu túmulo, numa estadia de alguns dias que fizemos em Paris, graças à generosidade de um nosso familiar. Naquela altura, já que estávamos tão próximos, poderíamos ir até ao Père Lachaise? E fomos, depois de contactado um chauffeur português, que nos tinha sido indicado.

- O Père Lachaise? Mas ele tem várias entradas – objectou. Mas tentamos...

E tentámos. Na primeira, o funcionário que ali estava à porta, orientou-nos logo:

- Oh, não, para o túmulo de Allan Kardec é melhor a porta... e chegados que fomos à porta indicada, um outro funcionário, depois de explicarmos o que queríamos, orientou-nos logo:

- Não tem que saber! Vá sempre a direito até ao fundo desta rua. O último túmulo é o dele: é sempre o mais florido!

E caminhando “sempre a direito”, lá fomos andando até ao túmulo que era, realmente, o mais florido da avenida. As flores frescas que o ornamentavam falavam do carinho dos visitantes por aquele local... e enquanto olhávamos, orávamos e agradecíamos o facto de termos chegado até ali, os nossos olhos detinham-se nas palavras que sempre acompanham todos os espíritas: “Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei”.

Quanto todos nós devemos àquele que ali fora homenageado pelos espíritas seus contemporâneos! Quanto a codificação da Doutrina dos Espíritos tem salvo de almas que se sentiam perdidas dentro da revolta, do desespero e do sofrimento que viviam quando, de uma ou outra maneira, tomaram conhecimento com as palavras do Paraclito, por ele transmitidas para todos!... e isto, apesar das afrontas que sofreu e dos vexames que o quiseram fazer passar, sem o conseguirem porque –

quando uma Alma é nobre ela encontra sempre, onde quer que esteja e ainda que chore mil lágrimas, a força necessária para vencer todas as vicissitudes!

Naquele instante, feliz por termos concretizado um sonho quase impossível, só pudemos dizer:

- Muito obrigada, Allan Kardec! Deus te abençoe sempre, querido Irmão!

*

Quando nos debruçamos sobre ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’, terceira obra do pentateuco kardequiano, sentimo-nos total e espiritualmente enriquecidos com as explicações que ali encontramos para as palavras de Jesus; elas são as mesmas que já conhecíamos da Bíblia, no Novo Testamento, mas com os esclarecimentos que nos deram todos aqueles Espíritos que colaboraram com a codificação, compreendemos finalmente o que Jesus quis dizer com as suas parábolas e a Boa Nova deu-nos, finalmente, a compreensão que em vão buscávamos antes de tomarmos conhecimento com a Doutrina dos Espíritos. Hoje, cada parábola, é mais um manancial de conhecimentos mas, também, de incitamento a tornar-nos sempre melhores, seja em função da reforma íntima, seja porque o que queremos

mesmo é aprender com o Divino Amigo – e já o conseguimos fazer!

Doutrina Espírita: farol a iluminar a escuridão que nos rodeia, Luz maravilhosa que nos incita a seguirmos em frente, para mais e mais nos aproximarmos do Senhor!

A DIRECÇÃO

*

IDIOSSINCRASIAS

Os rótulos e as pompas nada alteram no que dizem respeito aos valores intrínsecos

“Sede perfeitos, como perfeito é o Pai Celestial”
- JESUS. (Mt., 5:48).

Surpreendemos – vezes sem conta – abnegados trabalhadores na seara espírita, perplexos com determinadas acções de outros confrades-lidadores, cujas atitudes e modos não coadunam com o que se aprende na Doutrina dos Espíritos, flagrando-se superlativa desfasagem entre o discurso e o procedimento.

Não podemos olvidar que todos nós ainda trazemos muita sombra de permissão a pouca luz, muitos resíduos da Terra... Não pretendemos com tal assertiva justificar os deploráveis procedimentos de quantos já se luarizaram com as augustas claridades ofertadas pelo “*Consolador*”.

Quando Jesus – que nos conhece bem – aconselhou o perdão sem limites; não julgar, amar ao próximo como a si mesmo, etc.... Ele não estava simplesmente incrustando lantejoulas inúteis ou meros adornos em Seu Evangelho, e sim, oferecendo directrizes de segurança e luminescentes balizas norteadoras para levar-nos a um “*modus-vivendi*” harmonioso, coerente e equilibrado...

No capítulo vinte, intitulado “*Árdua Ascensão*”, do livro “*Lampadário Espírita*”, pela psicografia de Divaldo Franco, Joanna de Ângelis aborda com grande sensibilidade esse delicado tema e elucida para todos nós – retardatários da senda evolutiva – como superar os óbices engendrados pelo nosso ainda inócuo cabedal de conhecimentos. Diz a Benfeitora Espiritual: “(...) enquanto caminhas pela senda evangélica, anotas mágoas, angústias e dores, em verdadeiro antagonismo com as lições edificantes que se derramam das páginas cristãs e espíritas, qual se as ingratidões fossem as respostas aos teus anseios de fraternidade. Abatimento

incoercível se infiltra no teu entusiasmo e as forças escasseiam, quando as desinteligências e melindres lavram, vorazes, nos celeiros da fé renovadora.

Registas, no íntimo, com sofrimento, a leviandade abraçada ao egoísmo, em entusiástica alacridade na seara onde brilha a luz, patenteando o desequilíbrio de muitos companheiros. Aspiras esse ar mefítico e sentes desalento...

Silenciosas queixas, que preferes não extravasar, dizem da semente de ódios e malquerenças impiedosas na grei, e isto deprime e esmaga as aspirações que mantinhas.

Não te surpreendas com a proliferação da iniquidade onde pensavas não encontrá-la... Os homens são Espíritos em provas, como o vês, como os encontras. Embora a grande maioria se autoproclame “*missionários*” e se reserve o desculpismo para as próprias fraquezas, não deixam de ser o que são. Os rótulos e as pompas nada alteram no que dizem respeito aos valores intrínsecos.

Rememora Jesus, o Colégio primeiro, as gentes que O seguiam... Tricas e inquietações estabeleciam não poucas vezes aflições e desentendimentos entre os que O acompanhavam de mais perto e diziam amá-IO. Quase todos disputavam a primazia do Seu amor.

Examinando a vida de Jesus constatarás que, na razão directa em que os sucessos da Sua acção se faziam conhecidos, a impiedade Lhe seguia as pegadas, suspeitas descabidas e maledicências injustificáveis grassavam. Descerrando os painéis da Imortalidade e fixando as balizas do Reino, não impediu nem Se preocupou sequer com a idiosincrasia dos atormentados-atormentadores, que zurziam granizos morais sobre Ele.

Bom – foi odiado Amigo – esteve a sós. Mestre, não encontrou ouvidos. Filho de Deus, morreu na cruz. João, o Batista, embora O soubesse o Messias, enviou dois discípulos a indagarem... Os que poderiam identifica-IO pediam provas para desconsidera-las logo depois.

Portanto, não esperes outra coisa. Arma-te de amor por todos e veste-te com as malhas fortes da fé. Ritma os passos ao compasso da Verdade e não estaciones para arrolar apontamentos negativos nem alheias faltas.

Sê tu quem exemplifique, ame e viva a Mensagem. Faze a tua parte da melhor maneira possível... E quando de coração aparentemente vencido, sob o tropel dos aparentemente triunfadores e vitoriosos, experimentarás força ignota a levantar teu ânimo, ajudando-te e ensinando ao teu próprio Espírito a

ascensão aos Cimos Espirituais, donde bendirás o esforço despendido e a luta travada, os espinhos sofridos e as tarefas realizadas, jubiloso e tranquilo após a travessia pelo rio celular que te ensejou a purificação das imperfeições que te afligiam.”

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

*

OITO DE MARÇO...

Oito de Março : data de um qualquer dia, talvez perdido no Tempo para alguns, mas que a História registou na contemplação do seu significado para a história da Mulher!

Oito de Março... quando num dia 8 de um determinado ano, algumas mulheres se reuniram e resolveram gritar para o mundo que as visse, na sua competência e laboração, ombreando com os homens!

Oito de Março... dia da mulher operária, mulher professora, mulher estudante, engenheira, médica, educadora, MULHER... e MÃE!

Anjo do lar... mão amiga estendida para uns e para outros, amparando e protegendo sem contar as horas vividas com uns e outros motivos, debruçada sobre um doente ou acarinhando um órfão de momento!

Amiga do Mundo, porque se doa a todos e a ninguém, tendo para cada um o sorriso amigo e fraterno, de quem não escolhe raças nem sexos para a todos ajudar!

Mulher... amiga, filha, companheira... mulher única a quem o Senhor entregou, por missão, dar a vida de um novo Ser à Vida!

8 de Março... dia da Mulher, que o é os 365 dias do ano, às vezes sem o reconhecimento de si própria, seja pelos outros como por si, porque apenas sabe que, em cada dia, o importante é o que dá, mesmo quando não o afirma com palavras próprias: ela é o AMOR em cada gesto, em cada dádiva, em cada sorriso com que acolhe todos os que dela se aproximam!

MANUELA VASCONCELOS

*

ACALMA O MEU CORAÇÃO!...

Acalma o meu coração, Senhor!
Adormece o desalento de uma vida sem esperança
E ajuda-o a reconhecer o despontar do sol
Que o inundará de Amor!

Acalma o meu coração, Senhor!
Seca as lágrimas da desventura que o alagaram
Na solidão dos dias difíceis,
E desperta nele a alegria de um Amanhã melhor!

Acalma o meu coração, Senhor!
Ajuda a que nele nasça a fé perdida no Tempo,
E que ele possa olhar cada Ser
Como mais um irmão que lhe concedeste!

Acalma o meu coração, Senhor!
Acalma o meu coração, para que ele viva a paz
Que de Ti dimana, hoje e sempre!

Acalma o meu coração, Senhor,
Para que eu possa sentir, como tua filha,
O laço que nos une e tende sempre a aumentar

Conforme eu possa aprender a amar mais e
melhor!

Acalma o meu coração, Senhor!
Dá-lhe a Tua Paz!
Muito obrigada!

MARIA EVANGELINA

Psicografia em 23/2/2023.

*

O PADRE FARIA E O MAGNETISMO

O Padre José Custódio de Faria nasceu em Candolim, aldeia de Bardês, Goa, nas Índias Portuguesas, aos 30 de Maio de 1756, portanto há mais de dois séculos.

Com quinze anos acompanhou o pai a Lisboa e daí foi para Roma, onde colou grau de Doutor em Teologia, ordenando-se padre em 1780. Voltando a Lisboa, criou para si uma boa situação em virtude de o pai ser confessor da rainha. Apesar disso, em vão lutou

para conseguir uma mitra. Outro destino lhe estava reservado. Um movimento revolucionário em Goa fez que ele e outros, então tidos como implicados, fugissem em 1788 para Paris. Nesta capital pouco se sabe das suas actividades até 1792, parecendo ter sido apaixonado revolucionário desde que eclodira a célebre Revolução Francesa, tanto assim que em 5 de Outubro de 1795 tomou parte activa na queda da Convenção, o que lhe valeu a simpatia do Directório.

Não se sabe como, travou ele, nessa época, conhecimento com um dos mais famosos discípulos de Mesmer, o fundador do Magnetismo. Tratava-se do Marquês Chastenet de Puységur.

Foi este nobre francês quem iniciou o Padre Faria nas práticas magnéticas, e a primeira maravilha que o noviço destacou foi a grande utilidade do sono hipnótico para os doentes.

O padre português por vários anos se aprofundou no estudo dos fenómenos magnéticos, observando e experimentando. Não se sabe quando ele começou suas actividades públicas, mas Chateaubriand encontra-o, em 1802, em plena actividade na casa da Marquesa de Custine, possuído de grande entusiasmo. O famoso literato regista esse facto em suas “**Mémoires d’autre-tombe**”, mas o faz com desdém e negativismo, levando o

sábio professor português, Dr. Egas Moniz, Prémio Nobel da Medicina, a declarar que Chateaubriand, embora espírito de alta cultura, se achava algemado aos princípios da Igreja, e daí sua animosidade pelo Magnetismo que “**Roma condenava como sendo influenciado por espíritos maus**”. “Por outro lado – prossegue o Prof. Egas Moniz – Faria não podia merecer-lhe consideração pois, sendo padre, mais criminosas devia considerar suas práticas.” E adiante: “Ao relancearmos a vista pela História da Ciência, vemos muitas vezes as ideias religiosas entravarem a marcha aos seus progressos. Mas os prejuízos passam e a verdade vence.”

Em 1812 o Padre Faria foi nomeado professor de Filosofia na Academia de Marselha, chegando a ser eleito membro da Sociedade Médica dessa mesma cidade, facto este até hoje incompreensível, em vista dele jamais ter sido médico. Em Marselha, por essa ou por aquela razão, só ficou um ano, tendo sido transferido para a Academia de Nimes, na qualidade de professor suplementar. Essa desqualificação deixou-o um tanto amargurado. Prosseguiu activamente em suas experiências magnéticas, mas a polícia acabou por proibi-las, o que fez que ele retornasse a Paris, onde pensava encontrar condições mais propícias. De facto, auxiliado por amigos, obteve concessão para abrir um curso público sobre o **sono lúcido**, que assim denominava ele o sonambulismo provocado. Nessa verdadeira escola de Magnetismo,

localizada na Rua de Clichy, o Padre Faria iniciou em 1813 a exposição teórica desses factos. Ao público que ali comparecia pouco interessava essa primeira parte das aulas, só lhe importando as demonstrações práticas que o padre fazia no final das sessões. Bem cedo verificou, nessas experiências, que nem todos os pacientes adormeciam, descobrindo ainda que os sonâmbulos só seriam magnetizados se o quisessem. De observação em observação, concluiu que o “sono lúcido” não se produzia pela acção dos fluídos ou quaisquer forças sobrenaturais, mas simplesmente graças à suscetibilidade das pessoas sobre as quais se operava. Foi este, no dizer do Dr. Egas Moniz, o grande mérito a glória máxima do Padre Faria.

A concorrência às sessões da Rua de Clichy aumentou com o tempo, e rapidamente o seu nome se tornou popular entre todas as classes sociais de Paris. Como sói acontecer, a imprensa boa, por comodismo talvez, não tocou no assunto, deixando porém, abertas, as portas à imprensa que vive, como até hoje, de escândalos, calúnias e mentiras habilmente forjadas. Foi o Padre Faria apreciado falsamente por vários jornais, que lhe cercaram a personalidade de sarcasmo, chacotas, e insultos sem conta, no intuito de expô-lo à irrisão pública. Por causa dessa imprensa, que o perseguia com o epíteto de charlatão, ele chegou até mesmo a ser agredido!

A tudo isso ele resistiu com serenidade e confiança, e não menos admirável foi a tenacidade e audácia com que afrontou os preconceitos religiosos da época, desprezando a injustificada condenação do Magnetismo pela Igreja Católica, que atribuía a tais factos origem infernal.

Impiedosamente, os altos poderes eclesiásticos, arraigados ao espírito dogmático, caíram sobre Faria com críticas e doestos, dizendo-o compactuado com o diabo, ao mesmo tempo que condenavam **in limite** as suas experiências, tachando-as de criminosas.

Esse procedimento da parte dos seus próprios colegas de sacerdócio doía-lhe fundo na alma, levando-o a insurgir-se contra essa ideia fixa da Igreja de tudo submeter à influência de espíritos maléficos. **“Ah! – clamava ele – se tudo o que não pode ser explicado pelos efeitos da Natureza deve ser sempre relegado a causas sobrenaturais, o que resta ao homem em apanágio dos seus conhecimentos?”**

Pedia então que o clero viesse observar, **de visu**, os fenómenos tal como se processavam, e sem dúvida verificariam, ao contrário de suas acusações, que o “sono lúcido” demonstra “a existência da primeira causa”, deita por terra “a monstruosa quimera do ateísmo”, evidencia “a espiritualidade da alma humana” para confusão do

“materialismo presunçoso”. E acrescentava o Padre Faria que nessas experiências muitos dogmas tido como inacessíveis à inteligência humana achavam explicação, lançando-se, além disso, inesperada luz sobre verdades físicas até então indecifráveis.

Afirmando que a maioria dos magnetizadores não criam em influências da magia e da feitiçaria, procurava atenuar as recomendações enérgicas da Igreja contra aquelas. E dizia: **“Os espíritos piedosos e timoratos nada têm a recear da conduta dos que se ocupam do estudo do sono lúcido, porque os génios das trevas de ordinário não se associam a quem os não procura e menos ainda aos que nem sequer acreditam na existência deles.”**

Contudo, nenhuma argumentação em defesa do Magnetismo era recebida pela Igreja. O teólogo francês Furtier (*Furtier, Mystères des magnétisateurs et des sonambules dévoillés aux âmes droites et vertueuses. 1815*) frisava que o sonambulismo e o magnetismo eram **sobrenaturais e diabólicos, anticristãos, anticatólicos e antimorais**, acrescentando: “Os mistérios que eles desvendam obrigam a todos aqueles que queiram ser iniciados no magnetismo a renunciar a Cristo, porque o magnetizador recebe o seu poder directamente do anjo das trevas.”

Wurtz, vigário de Saint-Nizier, em Lião, segue as mesmas ideias, e a sua obra **“Les superstitions et prestiges des phiosophes du XVIII siècle ou les démonalatries du siècle des lumières”** (1817) encerra uma ofensiva às práticas sonambúlicas, que classificou como continuadoras da magia negra.

O Padre Faria, apesar de católico e sacerdote, não se intimidou diante dessas afirmações dogmáticas e intolerantes. Desassombradamente elevou alto sua divergência de pensamento quanto às causas do Magnetismo, salientando que se orientava pela sua consciência e com ela queria estar bem. “Crente e padre, não teve dúvida em afrontar as iras dos teólogos cotados do seu tempo, para afirmar que nada havia de sobrenatural em tais fenómenos e que o sono hipnótico era, afinal, uma modalidade da sugestão.”

Comentando esse secular comportamento da Igreja, ante os fenómenos magnéticos, o ilustre professor de Neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, Dr. Egas Moniz, escreveu: **“O prestígio do diabo sobe alto no cérebro desses doutos defensores da Igreja, não admitindo eles sequer o exame da doutrina e das práticas magnéticas para se pronunciarem. Perante o desconhecido, a Igreja pôs muitas vezes o seu veto, para mais tarde o ilibar de culpas. É velho sestro que,**

em tempos de maior dominação, arrastou à fogueira e ao patíbulo sábios e reformadores dos mais ilustres.”

Além de lançar as bases de uma interpretação científica do magnetismo, o Padre Faria erigiu de suas meticulosas observações toda uma doutrina filosófica, que apresenta certos pontos interessantes. Por exemplo, a natureza íntima da hipnose, ele a explicava tomando por base as relações da alma com a matéria. O “sono lúcido”, ou seja, o sono magnético, seria “um estado intermediário entre o homem sensitivo e o puro espírito.” Este, contudo, não se separaria inteiramente da matéria, perdendo apenas alguns contactos. Por essa razão, dizia o Padre Faria, o sonâmbulo não tem a intuição completa e sim uma espécie de intuição mista, daí podendo ser falsas ou verdadeiras as suas previsões. Mas, se a alma se libertasse da matéria, neste caso ela “descobriria o presente, o passado e o futuro.” Generalizando, achava ele que “os homens de génio vivem em estado comparável ao sonambulismo.”

Não só os preconceitos religiosos Faria arrostou. Talvez maior luta tenha sustentado contra os preconceitos científicos que, ou negavam os factos mais evidentes, ou os faziam dependentes da imaginação. Esta última maneira de considerar os factos ainda por vários decénios foi trazida à baila, e o padre goense consignou no seu livro esse trecho que o Dr. Egas Moniz reconhecia ainda

de utilidade actual: “Os médicos deduzem da imaginação todas as doenças que não conhecem, como os naturalistas atribuem a um fluido todo efeito que não cai sobre as leis ordinárias.”

A posição orgulhosa da maioria dos académicos era bem inflexível, tanto que em 1831 o Dr. Husson, sábio médico do **Hôtel-Dieu** e académico também, corajosamente expendia essa declaração: “A Academia de Medicina deveria encorajar as investigações sobre o magnetismo como um ramo curiosíssimo de Psicologia e História Natural.” Mas essas palavras não surtiram efeito, e a própria Academia de Ciências de Paris, acompanhando as pegadas de sua congênera de Medicina, decidia, em Outubro de 1840, que nunca mais tornaria a responder às comunicações relativas ao magnetismo. Era, como escreveu o Dr. Egas Moniz, “o anátema da Ciência sobre as experiências do sonambulismo”, mas o progresso é lei eterna, contra a qual se quebram todas as resistências. Por coincidência estranha, nesse mesmo ano, a questão era levantada na Inglaterra pelo Dr. Braid...

Sempre firme em seus pontos de vista, não se dobrando às injunções arbitrarias do Clero e das Academias, o Padre Faria não conseguiu galgar posições que lhe permitiriam um fim de vida tranquilo. Acuado pelos jornais, pelos caricaturistas, pelo anedotário, viu-se abandonado pelos amigos e ridicularizado nas esquinas

das ruas. Certa vez, diante de grande público, um paciente fingiu-se hipnotizado pelo referido padre, e, quando a experiência atingia o auge, eis que ele, burlescamente, se levanta para gozo dos espectadores. Este facto correu de boca em boca, a ponto de a personalidade do Padre Faria ser levada à cena numa escandalosa peça teatral intitulada “Magnétisme-manie”, cheia de ironia e mofa, pela qual se procurava arrolar as práticas magnéticas entre as mistificações. Entristecido com tudo isso, batido pela adversidade, sem o amparo de uma pensão vitalícia que o Estado lhe negara, conheceu a miséria nos últimos anos de sua vida, e, por fim, para não morrer de fome, teve de aceitar modesta capelania de religiosas.

O tempo que ainda lhe resta aproveita-o para reunir em livros as suas observações e doutrinas. Tinha em mente publicar cerca de quatro volumes, mas só lhe foi possível escrever o primeiro: “**De la cause du sommeil lucide, ou étude de la nature de l’homme, par l’abbé Faria, brahmine, Docteur en Théologie**”, dado à luz exactamente em 1819, ano em que ele desencarnava, aos 20 de Setembro. Esta obra, o Autor dedicou-a respeitosa e ao Marquês de Puységur.

Discutidíssima no seu tempo a figura do Padre Faria, deste nome se serviu o grande escritor francês Alexandre Dumas (pai) no seu célebre romance de

aventuras “O Conde de Monte-Cristo”. Aí aparece o “abade Faria” prisioneiro do castelo de If e revelando a Edmundo Dantés a existência e o segredo do fabuloso tesouro escondido na ilha de Monte-Cristo.

Somente mais tarde, após os estudos de Braid e Charcot sobre o hipnotismo, é que o nome do Padre Faria começou a ocupar o seu justo e relevante lugar na História da Ciência, sendo desde então considerado “um homem sábio”, palavras essas também a ele aplicadas pelo grande escritor e académico francês Júlio Claretie.

“As aplicações crescentemente frequentes da hipnose, no tratamento das doenças mentais – escreveu o jornalista Nicolas Millot em recente artigo para **O Globo** -, restituem actualidade a uma ciência que não foi considerada, durante longo tempo, antes das teorias do Padre Faria e das de Mesmer, senão como uma mistificação. Recente operação cirúrgica praticada, com êxito, na Grã-Bretanha, sobre um paciente hipnotizado, no estado de “sono acordado”, parece abrir um novo campo de aplicação aos princípios estabelecidos por aquele que os portugueses classificam, com Vasco da Gama, Camões e Magalhães, entre os seus grandes homens.”

Esta operação citada pelo Sr. Millot não constitui novidade para aqueles que têm conhecimento da história

do Magnetismo. Basta lembrar o notável caso do Dr. Cloquet, na primeira metade do século XIX. A Sra. Plantin, previamente magnetizada, teve o seu seio direito extirpado pelo Dr. Cloquet, e, durante os doze minutos que durou a operação, a paciente “continuou a entreter-se tranquilamente com o operador, e não mostrou o mais leve sinal de sensibilidade. Nenhum movimento nos membros, nem nos traços fisionómicos, nenhuma alteração na respiração nem na voz, nenhuma emoção, mesmo no pulso, se manifestou.”!

E quanto à aplicação da hipnose no tratamento das doenças mentais, já o Dr. Deleuze, sábio magnetista, salientava, também no século passado, que nos doentes nervosos a eficácia do magnetismo era bem mais frisante, em particular na epilepsia, que, segundo ele, cede frequentemente a esse género de tratamento.

O que vemos actualmente nada mais é que uma revivescência do magnetismo metamorfoseado no hipnotismo, destinado a criar um novo mundo de benefícios para a Humanidade. Tinha razão o escritor Louis Figuier em 1860, quando, referindo-se a esses velhos e sempre novos conhecimentos, afirmava com larga visão: “Estamos convencidos de que esse estudo ofereceria mais de uma conquista interessante para os fisiologistas e para os psicólogos.”

Contra os negadores sistemáticos, que em tudo apenas veem fraude, artifício, embuste, mistificação, tal como hoje sucede com respeito aos fenómenos espíritas, sabiamente lhes respondia o Dr. Egas Moniz: “**O argumento de que a hipnose pode ser simulada, nada depõe contra o facto em si.**”

, Hoje, o hipnotismo tem foros de cidade nas Academias e nas Igrejas de todo o mundo; amanhã, fatalmente despertará o dia de igual vitória para o Espiritismo, porque, como diz a sabedoria popular, contra os factos não há argumentos.

BIBLIOGRAFIA :

- Egas Moniz – **O Padre Faria na História do Magnetismo**, Lisboa, 1925.
- Abbé Faria – **De la cause du sommeil lucide ou l'étude de la nature de l'homme**, Paris, ed. de 1906, com prefácio e introdução do Dr. G. Delgado, da Academia Real das Ciências de Lisboa.
- **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**, Lisboa, vol. X.
- Nicolas Millot – **Os duzentos anos do Abade Faria**, artigo exclusivo para ‘O Globo’ de 14-3-1957.

- Cte. Agénor de Gasparin – **Des tables tournantes, du surnaturel en général et des Esprits**, Paris, tomo II, 1855.
- Louis Figuier – **Histoire du Merveilleux dans les temps modernes**, tomo III, 1860.

ZEUS WANTUIL

(In: Revista espírita brasileira REFORMADOR, Junho de 1987 : “Reformador de ontem, ensinamento de hoje” – transcrito de ‘Reformador’, Junho de 1957).

*

PROCURA TEMPO...

Procura tempo para pensar...
 É a Fonte do Poder.
 Procura tempo para ler...
 É a Fonte da Inteligência.
 Procura tempo para orar...
 É a maior Força sobre a Terra.
 Procura tempo para ser amado...
 É o privilégio que Deus concede a cada um
 Procura tempo para servir...

É o caminho da Bondade.
 Procura tempo para rir...
 É a música do Espírito.
 Procura tempo para dar...
 Um dia é demasiado curto para ser egoísta
 Procura tempo para trabalhar...
 É o preço do Sucesso!

SUN MYUNG MOON

(In: Revista portuguesa ora desaparecida ESTUDOS PSIQUICOS, de Maio/Junho, 1983)..

*

DECÁLOGO PARA OS COLABORADORES DAS REUNIÕES MEDIÚNICAS

Meu Amigo, se Você ingressou no apostolado do Médico Divino, junto do seu Ministério da Caridade:

1 – Reajuste as próprias atitudes, dentro de um padrão de vida mais alto, para que consiga a paz de consciência indispensável ao trabalho dessa natureza.

2 – Equilibre as emoções num plano vibratório mais elevado, para que lhe seja possível entrar em sintonia com o Plano Superior.

3 – Santifique, quanto possível, os pensamentos, a fim de envolver os enfermos em formas-pensamentos protectoras.

4 – Emita harmoniosas vibrações da fraternidade legítima, para não vibrar como nota dissonante na Sinfonia de Amor de que está participando.

5 – Oferte, ainda que pequenas, gotas da Água Viva da humildade que Você venha auferindo na fonte inesgotável do Evangelho, como migalha a ser multiplicada pelo Sublime Doador de todas as bênçãos, em benefício de todos.

6 – Alimente o Espírito com o Pão da Vida, transformando-se num doador de energias revitalizantes.

7 – Traga, como singela oferenda ao Excelso Benfeitor de todos nós, o calor da sua fé, como um acréscimo à fé vacilante dos que suplicam a graça de serem levantados, oscilando entre a esperança e a descrença.

8 - Dê o concurso espontâneo de sua dedicação, como testemunho vivo de esquecimento próprio para a glória de

servir estimulando assim, nos irmãos enfermos, salutareas reacções de bom ânimo e optimismo.

9 – Irradie o dom inefável da alegria de seguir o Mestre, ainda que a preço de árduas renúncias, facilitando aos que rogam atendimentos, o registo da mais bela resposta a suas petições: o convite a tomar a própria cruz e seguir o Cristo.

10- Acima de tudo, porém, oferece aos irmãos do caminho o próprio coração, num culto permanente à caridade, compreendendo, amparando, esclarecendo e elevando, em toda a parte e sempre.

ANDRÉ LUIZ

(In: Jornal Espírita Brasileiro NOSSA VOZ, de Abril de 1983, transcrita da nossa Revista, COMUNHÃO, nº. 14, de Setembro de 1983).

*

